

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACIC
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

THAYSSA CARDOSO PEREIRA

**CRISE DA COVID-19 E DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO DOS
BANCOS PRIVADOS E ESTATAIS**

**UBERLÂNDIA
DEZEMBRO DE 2022**

THAYSSA CARDOSO PEREIRA

**CRISE DA COVID-19 E DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO DOS
BANCOS PRIVADOS E ESTATAIS**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof^a Dr^a Neirilaine Silva de Almeida

**UBERLÂNDIA
DEZEMBRO DE 2022**

RESUMO

O sistema bancário é o principal prestador de serviços financeiros, por isso a importância de sua figura na sociedade moderna. As medidas de isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19 refletiram negativamente na esfera econômica e no desempenho das empresas em todo o mundo. O presente estudo teve como objetivo avaliar o desempenho econômico-financeiro dos bancos privados e estatais antes, durante e após a crise da COVID-19. Especificamente, buscou-se identificar os efeitos oriundos da crise da COVID-19 na liquidez, no endividamento e na rentabilidade dos bancos. A metodologia é caracterizada como descritiva e documental com abordagem quantitativa. O período analisado foi de 2016 a 2021 e foi escolhido por englobar períodos antes, durante e depois da pandemia da COVID-19. A amostra foi composta pelos bancos listados na B3 que possuíam dados no período amostral. A análise dos indicadores de liquidez corrente, giro do ativo, margem líquida, ROA, ROE e participação no capital de terceiros foi realizada em duas situações, a primeira de forma segregada por empresa e posteriormente houve a separação entre setores público e privado. De forma geral, observou-se queda nos indicadores no período de crise, demonstrando que o desempenho econômico-financeiro dos bancos privados e estatais foi afetado pela pandemia da COVID-19.

Palavras-chave: Desempenho econômico-financeiro. Setor bancário. COVID-19.

ABSTRACT

The banking system is the main provider of financial services, hence the importance of its role in modern society. Social isolation measures as a result of the COVID-19 pandemic reflected negatively on the economic sphere and on the performance of companies around the world. The present study aims to evaluate the economic and financial performance of private and state-owned banks before, during and after the COVID-19 crisis. The methodology is characterized as descriptive and documentary with a quantitative approach. The period to be analysed will be from 2016 to 2021, chosen because it encompasses periods before, during and after the COVID-19 pandemic. The sample will be composed of the banks listed on B3 that had data in the sample period. The analysis of indicators of current liquidity, asset turnover, net margin, ROA, ROE and participation in third-party capital was carried out in two situations, the first one segregated by company and later there was the separation between public and private sectors. In general, there was a decline in indicators during the crisis period, demonstrating that the economic and financial performance of private and state-owned banks was affected by the COVID-19 pandemic.

Keywords: *Economic and financial performance. Banking system. COVID-19.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Composição amostral	8
Quadro 2 – Indicadores de avaliação de desempenho	9
Tabela 1 – Liquidez corrente por empresa	10
Tabela 2 – Giro do ativo por empresa	11
Tabela 3 – Margem líquida por empresa	12
Tabela 4 – ROA por empresa	13
Tabela 5 – ROE por empresa	14
Tabela 6 – Participação de capital de terceiros por empresa	15
Tabela 7 – Liquidez corrente (pública x privada)	15
Tabela 8 – Giro do ativo (pública x privada)	16
Tabela 9 – Margem líquida (pública x privada)	16
Tabela 10 – ROA (pública x privada)	17
Tabela 11 – ROE (pública x privada)	18
Tabela 12 – Participação capital de terceiros (pública x privada)	18
Tabela 13 – Média dos indicadores antes, durante a “após” o ápice da pandemia	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	REFERENCIAL TEÓRICO	3
2.1.	As Instituições Financeiras	3
2.2.	Análise das Demonstrações Contábeis	5
2.3.	Impactos da COVID-19	6
3	METODOLOGIA	8
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	10
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Por se tratar do principal prestador de serviços financeiros, o sistema bancário possui importância na sociedade moderna e, portanto, costuma ser alvo de debates políticos e econômicos (MOTA, 2018). Mota (2018) também aborda em seu estudo o contexto após a crise financeira de 2008, em que as discussões acerca das instituições bancárias se tornaram ainda mais recorrentes, causadas pelos efeitos negativos da crise sobre o setor.

Em referência à crise atual, vivenciada em decorrência da pandemia de COVID-19, apesar de ter iniciado no setor real, alcançou o setor bancário, trazendo reflexos negativos para o mesmo, principalmente no que diz respeito à esfera econômica (KROTH, 2020).

Para Krishnamurthy (2020), as medidas severas de isolamento social exigidas em decorrência da recessão provocada pela COVID-19, causou ameaça no desempenho das empresas em todo o mundo. Para se adaptarem à essa recessão, foram aplicadas medidas estratégicas a fim de adequar as operações e modelos de negócios às mudanças nas condições ambientais em um curto período (SALISU E AKANNI, 2020).

Para Iudícibus (2013), os indicadores de desempenho econômico-financeiro são desenvolvidos a partir da análise das demonstrações contábeis, com o objetivo principal de transformar números em informações que revelem as especificidades da situação econômico-financeira de uma instituição.

Nessa perspectiva, Araújo e Mendes (2018) defendem que os usuários externos utilizam os indicadores econômico-financeiros com a finalidade de avaliar a situação patrimonial dos bancos, enquanto que os usuários internos, os utilizam como métrica para medir a eficiência da gestão bancária.

Assaf Neto (2010) ressalta que a análise de indicadores não pode ser feita de maneira isolada, pois se trata de uma análise comparativa e desta forma não traria informações suficientes para a correta conclusão da posição econômica e financeira de uma empresa. Para o autor, é importante que se tenha conhecimento do setor e características das operações, afim de complementar as informações obtidas através dos indicadores.

A análise econômico-financeira é um instrumento importante no processo de gerenciamento de uma empresa. Trata-se de um processo de verificação e entendimento das demonstrações contábeis, em que se obtém conhecimento da situação da empresa, em seus aspectos operacionais, econômicos, patrimoniais e financeiros (PADOVEZE, 2008).

Oliveira *et al.* (2010) defendem que a análise das demonstrações contábeis, através do uso de indicadores, pode ser definida como a comparação dos grupos patrimoniais e de resultado, o que possibilita a mensuração da saúde financeira da empresa. Em consonância a isso, Matarazzo (2010) aborda que tais indicadores proporcionam informações que auxiliam no processo de tomada de decisão, uma vez que demonstram a real situação econômico-financeira da entidade.

A análise de indicadores econômicos e financeiros no setor bancário foi realizada por diversos autores em contextos diferentes. Cruz, Kich e Cunha (2018) demonstraram, por meio de uma análise realizada no período de 2013 a 2015, que os bancos Bradesco, Santander e Itaú Unibanco obtiveram resultados semelhantes no indicador de lucratividade do ativo. Na mesma linha do referido estudo, Assato (2021) observou que a mesma amostra analisada anteriormente, no período compreendido de 2009 a 2019, apresentava características semelhantes nos indicadores de solvência, liquidez e rentabilidade.

Ainda no contexto apresentado, Franco (2021) buscou analisar os impactos da pandemia de COVID-19 nos indicadores econômicos e financeiros apresentados por empresas do setor bancário brasileiro. Foi realizada uma análise do período que engloba de 2015 a 2020, sendo que os resultados encontrados demonstraram que os indicadores de liquidez corrente e geral foram impactados, enquanto que a margem líquida foi afetada negativamente nos indicadores econômico-financeiros do setor. Desta forma, a autora concluiu que a pandemia de COVID-19 impactou tanto positivamente quanto negativamente os indicadores econômicos e financeiros do setor bancário. Apesar de retratar os efeitos da COVID-19 no setor financeiro, o período amostral do trabalho de Franco (2021) terminou em 2020, não contemplando, portanto, o período de 2021, ano em que houve avanço da vacinação no Brasil e as medidas restritivas foram significativamente reduzidas. Dessa forma, nota-se uma lacuna para a realização de mais estudos que avaliem a possível recuperação dos indicadores econômico-financeiros das entidades após o pico da pandemia de COVID-19.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo avaliar o desempenho econômico-financeiro dos bancos privados e estatais antes, durante e após a crise da COVID-19. De forma específica, pretende-se identificar os efeitos oriundos da crise da COVID-19 na liquidez, no endividamento e na rentabilidade dos bancos.

A realização da presente pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar a discussão acerca do desempenho das instituições financeiras em ambientes de incertezas tendo em vista a maximização de seus resultados. Outro ponto reside na abordagem do setor financeiro e as especificidades do contexto bancário, em contrapartida à grande parte dos estudos sobre os

efeitos da crise pautarem, principalmente, em setores não financeiros. Além disso, os estudos anteriores exploraram os bancos de forma conjunta, não fazendo a distinção entre bancos públicos e privados. Por fim, os estudos que verificaram o impacto da crise da COVID-19 no setor bancário não abordaram o período pós-pandemia. Diante de todos os pontos supracitados, este estudo busca contribuir com a tomada de decisão dos *stakeholders*, no que diz respeito ao desempenho econômico-financeiro de bancos antes, durante e após a crise, assim como com a ampliação da literatura sobre o tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. As Instituições Financeiras

Antes da chegada da corte ao Brasil, em 1808, já existiam demandas por crédito que possibilitassem o funcionamento das atividades mercantis, contudo, somente após a ocorrência do evento mencionado que as atividades bancárias iniciaram no país (PINTO, 2012).

Muller (2004) aborda em seu estudo dois pontos essenciais para o surgimento dos bancos no Rio de Janeiro. O primeiro deles faz referência à necessidade de valorização do capital mercantil, e o segundo faz alusão à tradição de constituir a cidade como a capital dos negócios portugueses no Brasil, assim como havia ocorrido no período colonial, durante a instalação do Império e anos mais tarde, na instituição da República.

A criação do primeiro Banco do Brasil se deu em 1808 e sua função era assegurar a emissão de moeda a fim de atender as necessidades da coroa portuguesa, uma vez que a cobrança de tributos diretos era deficitária (VIEIRA *et al.*, 2012). Com a volta de D. João VI a Portugal, todos os recursos depositados no banco foram sacados, fazendo com que houvesse o encerramento das atividades em 1829 e sua liquidação decretada em junho de 1833 (BANCO DO BRASIL, 2011).

Somente em 1838 foi estabelecido um sistema bancário com a intenção de fomentar produção ou comércio local, em que ocorria a captação de recursos e concessão de crédito, tal banco foi nomeado como Banco Comercial do Rio de Janeiro, fundado pelo comerciante Inácio Ratton. O banco fundado pelo comerciante não podia emitir moedas, eram realizadas somente a coleta de depósitos e concessão de empréstimos (BANCO DO BRASIL, 2011; VIEIRA *et al.*, 2012).

A figura bancária que mais se aproxima da existente nos tempos atuais começou a surgir em 1853, momento em que o Banco Comercial do Rio de Janeiro havia se fundido com o Banco do Brasil, criado por Barão de Mauá. No ano seguinte, surgiu uma preocupação em recrutar e formar os melhores profissionais, sendo assim, o banco criou o primeiro concurso público a fim de recrutar escriturários. Uma década mais tarde, o Banco do Brasil tornou-se o único emissor de moeda no território nacional, atribuição que passou à Casa da Moeda em 1866 (BANCO DO BRASIL, 2011).

Nesse momento, o Banco do Brasil se tornou o principal captador de depósitos e fornecedor de empréstimos do Brasil, descontando títulos e fornecendo empréstimos garantidos por hipotecas. A Abolição da Escravatura, em 1888, causou mudanças bruscas na economia, uma vez que os trabalhadores assalariados substituíram os escravos, aumentando assim, tanto a necessidade de moeda quanto a circulação de dinheiro. O Banco também passou a ser responsável por financiar a substituição da mão de obra escrava por imigrantes europeus, além da atividade agropecuária (BANCO DO BRASIL, 2011; VIEIRA *et al.*, 2012).

A atividade bancária obteve crescimento a partir da década de 1950, reflexo causado pelo crescimento econômico do país, período que foi marcado pela consolidação da urbanização, industrialização e expansão dos meios de comunicação. Os bancos operavam em atividades comerciais de curto prazo até o início da década seguinte, quando as reformas Bancária (Lei nº 4.595, de 31/12/64) e do Mercado de Capitais (Lei nº 4.728, de 14/07/65) foram implementadas.

A segmentação e supervisão do sistema financeiro pelo Banco Central do Brasil (BACEN), que se trata de uma entidade que regulamenta e controla o setor bancário, autorizada pelo governo em 1964, juntamente com as reformas mencionadas, constituem a atual estrutura do sistema financeiro nacional, que são aparados pelo BACEN e Conselho Monetário Nacional (CMN) (BANCO DO BRASIL, 2011).

Os bancos comerciais, sejam eles de controle público ou privado, são uma das principais instituições financeiras e têm como objetivo atender necessidades de financiamento tanto de pessoas físicas quanto jurídicas. Dessa forma, as atividades realizadas por essas instituições são classificadas em prestação de serviços bancários e concessão de crédito (COSTA, 2011). Complementando o estudo citado, para Schardong (2002) os bancos objetivam alcançar lucro com a prestação de serviço e fornecimento de produtos próprios ou intermediados por ele. Os produtos mencionados estão relacionados com corretagem de seguros, compra e venda de recursos financeiros, capitalizações e consórcios.

Uma análise realizada por Ernst Young (2020) demonstra que as seis maiores instituições bancárias brasileiras em 2014, Banco do Brasil, Itaú, Caixa Econômica Federal, Bradesco, Santander e Safra, tiveram mais de oitenta por cento do montante de circulação no sistema bancário nacional no final do período em questão. Dado que valida o estudo realizado por Costa (2011) mencionado anteriormente.

Diante dos estudos anteriores citados, nota-se a importância das instituições financeiras desde o seu surgimento até o desenvolvimento de atividades do setor bancário para a realização das atividades comerciais cotidianas e criação das normas que regem o setor.

2.2. Análise das Demonstrações Contábeis

Segundo Moos e Santi (2021), a análise das demonstrações contábeis permite vislumbrar a verdadeira situação econômica e financeira da empresa. Os investidores, credores, acionistas e agências governamentais possuem interesse na evidenciação das informações contábeis nas análises, uma vez que entidades financeiras exigem uma análise econômico-financeira completa em projetos de financiamento exercido por elas (IUDÍCIBUS, 2013).

A análise mencionada possibilita o conhecimento dos planos e da visão estratégica da empresa analisada, sendo possível ponderar acerca de seu futuro, potencialidades e limitações. Através da análise de balanços também é possível avaliar os efeitos que os eventos possam causar sobre a situação financeira de uma entidade, sendo um dos elementos mais relevantes na tomada de decisões (MATARAZZO, 2010).

Conforme abordado por Assaf Neto (2010), tanto as empresas de capital aberto quanto as instituições financeiras devem fazer a apuração das demonstrações financeiras, para que o mercado em geral obtenha as informações necessárias para operar. A partir das informações fornecidas, é possível relatar a posição econômico-financeira no momento da publicação dos dados, bem como a evolução com relação a dados anteriores e tendências futuras (ASSAF NETO, 2010).

No que diz respeito à análise econômico-financeira, Lisboa (2014) demonstrou que, a partir de uma análise das peculiaridades, a análise econômico-financeira deixa de ser apenas um conjunto de dados e passa a valer-se como informações, permitindo uma avaliação da situação da organização.

Complementando o estudo de Lisboa (2014), Araújo e Mendes (2018) tratam especificamente do setor bancário brasileiro. Em uma avaliação das variáveis internas e

externas aos bancos, os autores abordaram que algumas das variáveis estudadas, tais como o PIB e a inflação, exerceram influência sobre a rentabilidade econômica bancária.

Em referência às semelhanças no desempenho dos indicadores econômico-financeiros, Cruz e Cunha (2018) analisaram os bancos privados Bradesco, Itaú e Santander. Os resultados encontrados demonstram que os indicadores de solvência e liquidez, capital e risco, rentabilidade, rentabilidade, SPREAD e eficiência, as instituições financeiras, ficaram acima da média, tendo como exceção o Banco Santander, que esteve abaixo da média dos demais bancos em relação à rentabilidade.

A relevância de análises econômico-financeiras foi evidenciada a partir dos estudos anteriores abordados, de forma que seja possível vislumbrar a realidade das empresas. O mesmo ocorre com esta análise voltada para o setor bancário, que avalia como fatores externos, notadamente os reflexos de uma crise financeira, influenciam os resultados do setor.

2.3. Impactos da COVID-19

A pandemia da COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), foi decretada pela OMS em 11 de março de 2020 (OMS, 2020). A disseminação geográfica em uma escala de tempo muito curta tornou-se uma emergência mundial (SALISU E AKANNI, 2020).

Afim de reduzir a propagação e contágio da COVID-19, foram adotadas medidas de distanciamento social, fechamento de negócios não essenciais e quarentenas nacionais pelos governos (DEMIRGÜÇ-KUNT *et al.*, 2021). Essas restrições afetaram as empresas e a sociedade visto que causaram a interrupção nas cadeias de suprimento, falência de empresas e aceleração do desemprego (JENA *et al.*, 2021).

Para Demirgüç-Kunt *et al.* (2021), a recessão econômica causada pela pandemia da COVID-19 fez com que muitas empresas precisassem arrecadar dinheiro para cobrir os custos com funcionários, fornecedores e credores. Portanto, os Bancos Centrais de muitos países adotaram medidas políticas para apoiar o fluxo de crédito no país (DEMIRGÜÇ-KUNT *et al.*, 2021).

No contexto apresentado, é evidenciada a importância das instituições financeiras para continuidade das operações das entidades. Entretanto, os credores podem, futuramente, ter dificuldades para cumprir com suas obrigações, ameaçando assim, a estabilidade do sistema financeiro (DEMIRGÜÇ-KUNT *et al.*, 2021).

Marins *et al.* (2022) objetivaram verificar a influência da COVID-19 sobre o desempenho do setor bancário, bancos captadores de depósitos à vista entre o 1º semestre de 2010 a 1º semestre de 2021. Os autores concluíram que a crise sanitária estabelecida no país tem impacto negativo e significativo sobre a performance dos bancos da amostra, uma vez que a variável de interesse, COVID-19, apresentou associação negativa e significativa com a performance das empresas da amostra.

Ainda em relação ao setor bancário, Pinto, Santos e Martens (2021) objetivaram avaliar as mudanças ocorridas em instituições bancárias brasileiras tradicionais, no que tange ao empreendedorismo digital, em decorrência da pandemia de COVID-19. Os resultados encontrados indicaram mudanças na operacionalização dos negócios e no relacionamento com os clientes, com destaque à migração de quase totalidade de produtos e serviços do formato físico para digital e ao avanço dos segmentos e escritórios digitais nas instituições.

Pesquisas como as de Sousa (2020) e Costa, Pereira e Lima (2021) buscaram analisar outros setores da economia em períodos que envolvem o contexto da pandemia da COVID-19. Sousa (2020), por exemplo, analisou o impacto causado pela pandemia da COVID-19 no desempenho econômico-financeiro de empresas do setor aéreo listadas na B3. Os resultados indicaram que as empresas que compuseram a amostra da pesquisa já haviam um desempenho considerado insatisfatório antes da pandemia e esse cenário se agravou no primeiro trimestre de 2020, com o aumento do prejuízo acumulado, margens de lucro negativas e endividamento crescente.

No que diz respeito ao setor de produtos de higiene e limpeza, especificamente das empresas listadas na B3, Costa, Pereira e Lima (2021) concluíram, a partir da análise dos indicadores econômico-financeiros que a pandemia teve um reflexo positivo sobre os resultados da amostra. Foram verificados aumento da receita líquida de vendas e a maximização tanto da produção quanto das vendas de produtos essenciais, tais como álcool em gel, higienizadores e sabonetes.

Como abordado anteriormente, o setor aéreo, considerado não essencial, teve reflexos negativos em seu desempenho econômico-financeiro no período da pandemia da COVID-19. Devido ao fechamento do comércio em decorrência das medidas de distanciamento social e, conseqüentemente, da diminuição da circulação de moeda, o mesmo resultado pode ser obtido no setor financeiro.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, por possuir foco na descrição de características de determinada população ou fenômenos a ela relacionados (GIL, 2002), documental, com abordagem quantitativa. O período analisado foi de 2016 a 2021, sendo que a sua escolha ocorreu por englobar períodos antes, durante e depois da pandemia da COVID-19. Os anos de 2016 a 2019 foram considerados como antes, 2020 durante, uma vez que foi o ano em que houve o fechamento do comércio com as medidas do distanciamento social, e 2021 foi considerado o ano após a pandemia. Destaca-se que o ano de 2021 foi considerado como pós-pandemia porque a aplicação da vacina contra a COVID-19 na população teve início em janeiro do mesmo ano (UNA-SUS, 2021) e avançou significativamente até o final do referido ano. A amostra foi composta por todos os bancos listados na B3 que possuíam dados no período amostral, conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1: Composição amostral

Nome	Pública/Privada	Governança Corporativa
Banco Abc Brasil	Privada	Nível 2
Banco BMG	Privada	Nível 1
Banco Bradesco	Privada	Nível 1
Banco BTG Pactual	Privada	Nível 2
Banco do Brasil	Pública	Novo Mercado
Banco Itaú	Privada	Nível 1
Banco Mercantil do Brasil	Privada	Nível 1
Banco Pan	Privada	Nível 1
Banco Pine	Privada	Nível 2
Banco Santander	Privada	Tradicional
Banese	Pública	Tradicional
Banestes	Pública	Tradicional
Banpara	Pública	Tradicional
Banrisul	Pública	Nível 1

Fonte: Elaboração própria

A seleção dos indicadores que foram analisados no decorrer da presente pesquisa foi realizada com base no estudo de Bertoluzzi, Lyrio e Ensslin (2008). Dessa forma, foram coletados, na Plataforma Economatica, os valores, referentes ao final de cada ano, de cada um dos indicadores descritos no Quadro 2.

Quadro 2: Indicadores de avaliação de desempenho

	Indicador	Construto	Interpretação
Liquidez	Liquidez Corrente	Ativo Circulante / Passivo Circulante	Quanto à empresa possui de Ativo Circulante para cada \$ 1 de Passivo Circulante
Rentabilidade	Giro do Ativo	Vendas / Ativo Total	Quanto a empresa vendeu para cada \$ de ativo total
	Margem Líquida	Lucro Líquido / Vendas X 100	Quanto a empresa obtém de lucro para cada \$ 100 vendido
	Rentabilidade sobre o Ativo (ROA)	Lucro Líquido / Ativo Total X 100	Quanto a empresa obtém de lucro para cada \$ 100 de investimento total
	Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido (ROE)	Lucro Líquido / Patrimônio Líquido Médio X 100	Quanto a empresa obtém de lucro para cada \$ 100 de capital próprio investido, em média, no exercício
Estrutura de Capital	Participação de Capital de Terceiros	Capital de Terceiros / Patrimônio Líquido X 100	Quanto a empresa tomou de capitais de terceiros para cada \$ 100 de capital próprio

Fonte: Bertoluzzi, Lyrio e Ensslin (2008)

Para a tabulação e organização dos dados foi utilizado o software *Microsoft Excel*®. Para a análise dos resultados encontrados, utilizou-se a estatística descritiva, sendo que foram consideradas as informações em relação à média, valores mínimos, valores máximos e desvio padrão, das empresas observadas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta sessão foram desenvolvidas as análises dos indicadores econômico-financeiros coletados por meio da base de dados Economatica, no período que engloba os anos de 2016 a 2021. Desta forma, foi feita a análise descritiva dos indicadores por empresa. Posteriormente, a análise foi segregada entre instituições públicas e privadas, evidenciando os dados descritivos dos indicadores em estudo, assim como a comparação dos resultados obtidos com aqueles observados em estudos correlatos.

No primeiro momento, apresenta-se a Tabela 1, que evidencia o indicador de liquidez corrente para as empresas da amostra no período amostral.

Tabela 1: Liquidez Corrente por empresa

Liquidez Corrente	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Banco Abc Brasil	1,2757	1,1904	1,2131	1,0253	0,8546	1,0012
Banco BMG	1,5900	2,1785	1,9167	1,9130	0,7665	0,6817
Banco Bradesco	0,9427	0,9758	1,0033	0,9992	0,7398	0,6757
Banco BTG Pactual	1,1926	1,1687	1,1660	1,1886	1,0469	1,1080
Banco do Brasil	0,8007	0,7644	0,8001	0,7353		
Banco Itaú	1,3386	1,3728	1,3411	1,2852	1,2661	1,5450
Banco Mercantil do Brasil	2,0139	2,0665	2,2377	1,7949	1,7557	1,2380
Banco Pan	0,7049	0,7929	0,7795	0,7651	0,6743	1,0111
Banco Pine	1,1532	1,0687	1,6198	1,0717	0,6530	0,5766
Banco Santander	0,9337	0,9103	0,9628	0,8767	0,9173	0,8922
Banese	1,0688	1,1349	0,9268	0,9086	0,7731	0,7980
Banestes	0,8047	0,8880	0,8680	0,7554	0,6881	0,7640
Banpara	0,8608	0,9267	0,9434	0,8474		
Banrisul	1,2036	1,5848	1,3876	1,1551		

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Ao observar os dados da Tabela 1, pode-se verificar que todos as instituições financeiras analisadas, com exceção do Banco BTG Pactual, tiveram uma queda no índice de liquidez corrente no ano de 2019, período considerado como pré-pandemia da COVID-19. Para o ano de 2020, considerado o ápice da pandemia, o índice permaneceu em queda para as empresas da amostra, exceto o Banco Santander que demonstrou um aumento em relação ao ano anterior. Os dados obtidos para o índice no ano de 2021 não foram generalizados como anteriormente,

os bancos Abc Brasil, BTG Pactual, Itaú, Pan, Banese e Banestes sofreram aumento no período pós-pandemia da COVID-19, enquanto os demais permaneceram em queda.

De forma geral, de 2016 a 2019, período pré-pandemia, os bancos Abc Brasil, BMG, BTG Pactual, Itaú, Mercantil do Brasil, Pine, Banese e Banrisul demonstraram boa capacidade de pagamento a partir da média dos dados obtidos, uma vez que obtiveram índices superior à 1. No ano de 2020, somente os bancos BTG Pactual, Itaú e Mercantil do Brasil mantiveram seus índices superior à 1, sendo que esses índices se mantiveram no ano seguinte. Além dos anteriormente citados, no ano de 2021, os bancos Abc Brasil e Banco Pan também demonstraram uma boa capacidade de pagamento.

Não foram obtidos os índices de liquidez para o Banco do Brasil, Banpara e Banrisul nos anos de 2020 e 2021, não sendo possível uma comparação com os exercícios anteriores para essas instituições.

A Tabela 2, apresentada a seguir, evidencia os dados de Giro do Ativo para as empresas no período amostral.

Tabela 2: Giro do Ativo por empresa

Giro do Ativo	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Banco Abc Brasil	0,0790	0,0876	0,0994	0,0736	0,1367	0,0836
Banco BMG	0,1451	0,1586	0,1773	0,1872	0,1486	0,1358
Banco Bradesco	0,1375	0,1224	0,0976	0,0980	0,0627	0,0723
Banco BTG Pactual	0,1203	0,0752	0,0719	0,0737	0,0763	0,0848
Banco do Brasil	0,1194	0,1040	0,0949	0,0879	0,0709	0,0689
Banco Itaú	0,1124	0,0981	0,0858	0,0848	0,0649	0,0703
Banco Mercantil do Brasil	0,3047	0,2913	0,2463	0,2306	0,2147	0,2098
Banco Pan	0,2384	0,3012	0,2607	0,2497	0,2491	0,2190
Banco Pine	0,0827	0,0850	0,0651	0,0571	0,0481	0,0649
Banco Santander	0,1224	0,1116	0,0960	0,0965	0,1087	0,1029
Banese	0,1474	0,1374	0,1157	0,1158	0,0902	0,0922
Banestes	0,1151	0,1187	0,0785	0,0902	0,0524	0,0640
Banpara	0,2313	0,2255	0,2279	0,1923	0,1475	0,1471
Banrisul	0,1545	0,1362	0,1234	0,1117	0,0897	0,0785

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A partir dos dados apresentados na Tabela 2, observa-se que as instituições Banco do Brasil, Banco Mercantil do Brasil e Banrisul tiveram variações negativas em todo o período analisado. Apenas três empresas da amostra apresentaram uma variação positiva do ano de 2019

para 2020, sendo os bancos Abc Brasil, Santander e BTG Pactual, e destas somente o último permaneceu com variação positiva do ano de 2020 para 2021.

No que concerne à Margem líquida de cada empresa, a Tabela 3 expõe os indicadores dos bancos de 2016 a 2021.

Tabela 3: Margem Líquida por empresa

Margem Líquida	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Banco Abc Brasil	20,03	16,61	12,85	19,80	5,44	13,83
Banco BMG	18,51	1,02	5,68	10,38	7,84	5,18
Banco Bradesco	9,36	10,04	15,32	17,06	16,77	18,53
Banco BTG Pactual	24,98	24,95	23,93	31,86	20,77	21,92
Banco do Brasil	5,80	8,89	10,60	15,99	11,67	16,02
Banco Itaú	13,42	16,12	17,87	18,21	12,15	17,22
Banco Mercantil do Brasil	0,80	1,00	2,46	5,40	6,67	7,19
Banco Pan	-3,62	2,73	3,12	6,30	6,83	7,38
Banco Pine	-2,12	-35,93	-9,86	-20,42	-9,65	0,60
Banco Santander	6,59	10,99	15,72	17,61	12,48	15,24
Banese	14,29	15,63	11,28	13,84	9,74	12,14
Banestes	5,47	6,49	8,25	9,99	14,51	11,51
Banpara	15,79	16,56	19,00	19,17	15,44	13,11
Banrisul	6,19	10,56	10,99	14,77	8,84	11,55

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Os dados apresentados na Tabela 3 demonstram que apenas duas instituições tiveram o resultado do índice de Margem Líquida negativos, sendo o Banco Pan apenas no ano de 2016 e o Banco Pine durante os anos de 2016 a 2020, indicando que essas instituições não geraram lucros nesse período.

É possível perceber que houve uma variação dos resultados obtidos no período entre os anos de 2016 a 2018, sendo que a maior parte das empresas analisadas apresentaram variação positiva. Entretanto, instituições como os bancos Abc Brasil, BMG, BTG Pactual obtiveram uma variação negativa no mesmo período, ainda que o resultado do índice mantivesse positivo.

Com exceção do Banco Pine, os demais bancos obtiveram uma variação positiva do ano de 2018 para o de 2019, ou seja, durante o período pré-pandemia. Já no ano de 2020, em que houve a crise oriunda da COVID-19, 71,43% das empresas da amostra tiveram uma variação negativa em relação ao ano anterior e, no ano de 2021, 78,57% tiveram esse resultado positivo. É importante destacar que na amostra utilizada no período, apenas no ano de 2021 todas as

empresas apresentaram margem líquida positiva. Esses resultados podem indicar uma possível melhoria na rentabilidade das entidades após o ápice da pandemia de COVID-19.

A Tabela 4, apresentada na sequência, demonstra os valores do ROA de cada empresa no período amostral.

Tabela 4: ROA por empresa

ROA	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Banco Abc Brasil	1,5833	1,4556	1,2774	1,4574	0,7433	1,1558
Banco BMG	0,3000	0,1617	1,0082	1,9433	1,1654	0,7033
Banco Bradesco	1,2873	1,2289	1,4954	1,6727	1,0524	1,3397
Banco BTG Pactual	3,0062	1,8769	1,7201	2,3476	1,5852	1,8584
Banco do Brasil	0,6928	0,9247	1,0061	1,4051	0,8272	1,1030
Banco Itaú	1,5079	1,5815	1,5336	1,5440	0,7890	1,2106
Banco Mercantil do Brasil	0,2427	0,2901	0,6063	1,2448	1,4308	1,5082
Banco Pan	-0,8625	0,8230	0,8135	1,5731	1,7017	1,6169
Banco Pine	-0,1755	-3,0559	-0,6419	-1,1657	-0,4645	0,0389
Banco Santander	0,8063	1,2271	1,5098	1,6994	1,3570	1,5683
Banese	2,1068	2,1485	1,3047	1,6034	0,8789	1,1188
Banestes	0,6301	0,7701	0,6483	0,9009	0,7604	0,7369
Banpara	3,6520	3,7339	4,3296	3,6853	2,2784	1,9274
Banrisul	0,9564	1,4377	1,3553	1,6492	0,7925	0,9073

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A partir da Tabela 4 é possível perceber que o resultado dos bancos Pine e Pan no índice de ROA é semelhante ao obtido da Margem Líquida, uma vez que estes permaneceram negativos durante o mesmo período do índice analisado anteriormente.

Os menores índices de ROA das empresas concentram-se nos anos de 2016 com os bancos do Brasil, Mercantil do Brasil, Pan, Santander e Banestes, e de 2020 com os bancos Abc Brasil, BMG, Bradesco, BTG Pactual, Itaú, Banese e Banrisul.

Do ano de 2019 para 2020, somente os bancos Mercantil do Brasil, Pan e Pine tiveram uma variação positiva. A diferença de rentabilidade obtida no índice entre os anos de 2019 e 2020 sugere que os acionistas perderam o retorno sobre seu investimento.

Por fim, de 2020 para 2021, nota-se um aumento no ROA da maioria das empresas da amostra (71,43%), o que pode indicar uma retomada no setor financeiro do Brasil.

No que diz respeito ao ROE, a Tabela 5 evidencia os indicadores de cada empresa no período amostral.

Tabela 5: ROE por empresa

ROE	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Banco Abc Brasil	15,0496	13,5566	12,0315	13,7135	7,7338	12,7888
Banco BMG	1,0800	1,0166	6,5521	11,0214	8,0682	6,0545
Banco Bradesco	15,9679	14,0481	16,5371	17,7455	12,0072	15,1587
Banco BTG Pactual	17,7804	13,0161	12,5810	18,9527	15,8915	19,0204
Banco do Brasil	11,5079	13,6198	14,1886	19,5846	12,1204	15,6834
Banco Itaú	18,2624	17,8683	17,8753	18,7102	11,4739	17,2915
Banco Mercantil do Brasil	3,1123	3,2971	7,0011	13,9742	15,6028	16,9915
Banco Pan	-6,7245	6,1024	5,7899	11,4372	12,7995	13,9358
Banco Pine	-1,2376	-25,5586	-6,7191	-13,8272	-7,7887	0,7561
Banco Santander	9,6654	13,7889	18,9062	21,0034	17,9471	18,8722
Banese	29,3807	30,0439	17,4084	21,0951	12,6706	15,3404
Banestes	13,3193	13,1952	12,5495	13,7879	13,9542	13,9079
Banpara	30,4051	27,9203	27,5020	25,0934	16,9259	15,4508
Banrisul	10,4375	15,6346	14,6624	17,8454	9,0168	10,9091

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Os dados apresentados na Tabela 5 demonstram uma queda significativa no ROE de 10 empresas (71,43% da amostra) no ano de 2020 em relação ao ano de 2019. Entende-se, então, que a rentabilidade dos bancos caiu durante o ano de 2020, em que as restrições oriundas da pandemia de COVID-19 e a crise financeira eram mais significativas. Ainda assim, os bancos Mercantil do Brasil, Pan e Pine e o Banestes obtiveram, em 2020, resultados maiores que o ano de 2019. Por fim, de 2020 para 2021, nota-se um aumento no ROE da maioria das empresas da amostra (78,57%), o que pode indicar uma retomada no setor financeiro do Brasil.

A Tabela 6, apresentada na sequência, evidencia o índice de Participação de Capital de Terceiros (passivo exigível sobre o patrimônio líquido) por empresa.

Os resultados da Participação de Capital de Terceiros, em relação ao capital próprio, por empresa, apresentados na Tabela 6, demonstram que 35,71% das instituições da amostra tiveram a maior participação de terceiros em seu capital no ano de 2020, e a mesma percentagem de empresas da amostra tiveram a maior participação de capital de terceiros em 2021. Além das que tiveram maior participação no ano em que houve o ápice da pandemia pela COVID-19, 88,89% das demais instituições tiveram uma participação de capital de terceiros superior à do exercício de 2019.

Tabela 6: Participação de Capital de Terceiros por empresa

Participação de capital de terceiros	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Banco Abc Brasil	787,5295	775,9098	792,8846	797,2934	910,4054	961,2203
Banco BMG	500,6037	532,2104	541,4947	369,4407	583,9054	790,4758
Banco Bradesco	1.069,1871	991,0306	957,0083	911,0159	1.001,3556	1.018,5889
Banco BTG Pactual	526,0768	578,5535	625,0805	656,1848	802,9189	754,3601
Banco do Brasil	1.507,1988	1.286,9064	1.285,9206	1.253,3128	1.259,1059	1.234,0953
Banco Itaú	1.020,6497	982,1451	1.044,5821	1.117,1773	1.330,2642	1.292,2578
Banco Mercantil do Brasil	1.078,5729	1.096,2455	1.031,1692	970,2656	936,6854	960,4955
Banco Pan	706,1040	626,5355	564,8186	565,7940	624,4792	726,0870
Banco Pine	609,8164	846,7316	970,6577	1.105,6657	1.627,8463	1.859,0496
Banco Santander	1.063,7418	1.013,6312	1.097,2887	1.099,8880	1.151,1269	1.104,2680
Banese	1.193,2872	1.208,3834	1.163,8134	1.160,1845	1.263,2351	1.184,9784
Banestes	1.928,7863	1.532,8318	1.771,8523	1.375,1264	1.678,6385	1.699,6459
Banpara	662,9746	576,8794	485,0108	543,9557	613,1020	663,9423
Banrisul	971,4562	941,7503	963,7301	946,2638	1.000,1742	1.055,7143

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

As Tabelas 7 a 12 evidenciarão os dados descritivos em relação aos indicadores econômico-financeiros analisados anteriormente.

Tabela 7: Liquidez corrente (pública x privada)

Tipo	Liquidez Corrente	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Bancos Públicos	Mínimo	0,8007	0,7644	0,8001	0,7353	0,6881	0,7640
	Média	0,9477	1,0598	0,9852	0,8804	0,7306	0,7810
	Desvio Padrão	0,1801	0,3224	0,2319	0,1688	0,0601	0,0240
	Máximo	1,2036	1,5848	1,3876	1,1551	0,7731	0,7980
Bancos Privados	Mínimo	0,7049	0,7929	0,7795	0,7651	0,6530	0,5766
	Média	1,2384	1,3027	1,3600	1,2133	0,9638	0,9700
	Desvio Padrão	0,3890	0,4951	0,4782	0,3951	0,3551	0,3071
	Máximo	2,0139	2,1785	2,2377	1,9130	1,7557	1,5450

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Os dados apresentados na Tabela 7 demonstram que o índice de liquidez corrente atingiu seu mínimo no ano de 2020 nos bancos públicos e no ano de 2021 nos bancos privados. O máximo valor ocorreu no ano de 2017 no que diz respeito aos bancos públicos e em 2018 nos bancos privados. A média do índice de liquidez corrente indica que os bancos públicos teriam

condições de liquidar suas obrigações de curto prazo apenas no ano de 2017 e os privados de 2016 a 2019, ou seja, durante o período da pandemia da COVID-19, quando analisado por setor, as empresas da amostra não teriam condições de liquidar suas obrigações de curto prazo. Além disso, observa-se uma queda na média, tanto nos bancos públicos quanto privados, do ano de 2019 para 2020. Essa queda é revertida em 2021, uma vez que, apesar de ainda serem menores do que o índices de 2019, os índices médios de liquidez corrente começam a crescer no ano imediatamente após ao ápice da pandemia.

Tabela 8: Giro do ativo (pública x privada)

Tipo	Giro do Ativo	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Bancos Públicos	Mínimo	0,1151	0,1040	0,0785	0,0879	0,0524	0,0640
	Média	0,1535	0,1444	0,1281	0,1196	0,0901	0,0901
	Desvio Padrão	0,0467	0,0474	0,0585	0,0425	0,0357	0,0336
	Máximo	0,2313	0,2255	0,2279	0,1923	0,1475	0,1471
Bancos Privados	Mínimo	0,0790	0,0752	0,0651	0,0571	0,0481	0,0649
	Média	0,1492	0,1479	0,1334	0,1279	0,1233	0,1159
	Desvio Padrão	0,0746	0,0877	0,0753	0,0738	0,0708	0,0598
	Máximo	0,3047	0,3012	0,2607	0,2497	0,2491	0,2190

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Os valores mínimos e máximos atingidos pelos bancos públicos e privados foram nos anos de 2020 e 2016, respectivamente, conforme apresentado na Tabela 8. A média do Giro do Ativo, apresentada na Tabela 8, tanto dos bancos públicos quanto dos privados, seguem em declínio desde o ano de 2016, de forma que não é possível associar a pandemia da COVID-19 com a queda do índice nos anos de crise e pós-crise.

Tabela 9: Margem Líquida (pública x privada)

Tipo	Margem Líquida	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Bancos Públicos	Mínimo	5,4731	6,4861	8,2533	9,9863	8,8384	11,5053
	Média	9,5095	11,6245	12,0235	14,7524	12,0394	12,8641
	Desvio Padrão	5,0836	4,3420	4,0787	3,3389	2,8876	1,8785
	Máximo	15,7886	16,5574	19,0001	19,1692	15,4450	16,0203
Bancos Privados	Mínimo	-3,6182	-35,9348	-9,8574	-20,4175	-9,6476	0,5997
	Média	9,7714	5,2808	9,6783	11,8007	8,8119	11,9003
	Desvio Padrão	10,2334	17,4274	10,2555	14,4923	8,6068	7,0985
	Máximo	24,9799	24,9482	23,9324	31,8623	20,7692	21,9220

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Os valores máximos de Margem Líquida para os bancos públicos e privados foram alcançados no ano de 2019. Enquanto que o valor mínimo para os bancos públicos foi obtido no ano de 2016 e para os privados em 2017, índice obtido pelo Banco Pine.

Os bancos públicos possuem uma média crescente no período de pré-pandemia enquanto os privados possuem uma variação negativa entre os anos de 2016 e 2017 e variação positiva nos dois anos seguintes.

Para ambos os tipos de empresas (pública ou privada) no ano pandêmico há uma queda no índice seguida de crescimento no ano de 2021, considerado pós-crise. Dessa forma, pode-se verificar a queda no índice de Margem Líquida durante o ápice da pandemia de COVID-19 e a retomada dos índices em 2021.

Tabela 10: ROA (pública x privada)

Tipo	ROA	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Bancos Públicos	Mínimo	0,6301	0,7701	0,6483	0,9009	0,7604	0,7369
	Média	1,6076	1,8030	1,7288	1,8488	1,1075	1,1587
	Desvio Padrão	1,2889	1,2062	1,4810	1,0687	0,6560	0,4574
	Máximo	3,6520	3,7339	4,3296	3,6853	2,2784	1,9274
Bancos Privados	Mínimo	-0,8625	-3,0559	-0,6419	-1,1657	-0,4645	0,0389
	Média	0,8551	0,6210	1,0358	1,3685	1,0400	1,2222
	Desvio Padrão	1,1439	1,4922	0,7297	1,0006	0,6537	0,5534
	Máximo	3,0062	1,8769	1,7201	2,3476	1,7017	1,8584

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Conforme a Tabela 10, o índice ROA apresentou os valores mínimos no ano de 2016, tanto nos bancos públicos quanto privados, sendo que este último também apresentou o seu valor máximo no mencionado ano. O valor máximo dos bancos públicos, por sua vez, foi atingido no ano de 2018.

Tratando acerca dos valores médios obtidos no índice, os bancos públicos tiveram o menor valor médio no ano de 2020, podendo ter como justificativa a pandemia pela COVID-19, sugerindo a perda de retorno sobre o investimento do acionista nesse período, resultados semelhantes ao estudo de Franco (2021). Enquanto isso, os bancos privados tiveram o menor valor médio em 2017.

Os valores mínimos do ROE, de acordo com a Tabela 11, para os bancos públicos e privados foram nos anos de 2020 e 2017, respectivamente. Os valores médios mínimos ocorreram nos mesmos anos.

Tabela 11: ROE (pública x privada)

Tipo	ROE	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Bancos Públicos	Mínimo	10,4375	13,1952	12,5495	13,7879	9,0168	10,9091
	Média	19,0101	20,0828	17,2622	19,4813	12,9376	14,2583
	Desvio Padrão	9,9944	8,2105	5,9852	4,1594	2,8746	1,9977
	Máximo	30,4051	30,0439	27,5020	25,0934	16,9259	15,6834
Bancos Privados	Mínimo	-6,7245	-25,5586	-6,7191	-13,8272	-7,7887	0,7561
	Média	8,1062	6,3484	10,0617	12,5257	10,4150	13,4299
	Desvio Padrão	9,2921	13,2270	8,0075	10,4887	7,6408	6,1963
	Máximo	18,2624	17,8683	18,9062	21,0034	17,9471	19,0204

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Os índices negativos do Banco Pine influenciaram no resultado dos bancos privados. Entretanto, os valores mínimos e menor valor médio ocorrido no ano de 2020 nos bancos públicos indicam que a rentabilidade dos bancos no período de crise da COVID-19.

Tabela 12: Participação capital de terceiros (pública x privada)

Tipo	Participação capital de terceiros	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Bancos Públicos	Mínimo	662,9746	576,8794	485,0108	543,9557	613,1020	663,9423
	Média	1252,7406	1109,3503	1134,0654	1055,7687	1162,8512	1167,6752
	Desvio Padrão	487,9207	364,7894	469,3088	326,2896	391,8120	372,1512
	Máximo	1928,7863	1532,8318	1771,8523	1375,1264	1678,6385	1699,6459
Bancos Privados	Mínimo	500,6037	532,2104	541,4947	369,4407	583,9054	726,0870
	Média	818,0313	826,9992	847,2205	843,6362	996,5541	1051,8670
	Desvio Padrão	243,7207	209,1986	220,2642	266,7085	333,7340	352,2639
	Máximo	1.078,5729	1.096,2455	1.097,2887	1.117,1773	1.627,8463	1.859,0496

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A participação do capital de terceiros, conforme abordado na Tabela 12, atingiu seus valores máximos nos bancos públicos e privados nos anos de 2016 e 2021, respectivamente. Os seus valores mínimos foram em 2018 nos bancos públicos e em 2019 nos bancos privados. Os valores médios mínimos foram obtidos em 2019 nos bancos públicos e em 2016 nos bancos privados, entretanto, os valores médios máximos foram obtidos em 2021 em ambos os tipos de empresas, período que engloba o período de pós-crise da pandemia pela COVID-19.

A Tabela 13 evidencia a média dos indicadores em análise no período antes, durante e “após” o ápice da pandemia.

Tabela 13: Média dos indicadores antes, durante e “após” o ápice da pandemia

Indicadores	2016 a 2019		2020		2021	
	Públicos	Privados	Públicos	Privados	Públicos	Privados
Liquidez Corrente	0,9683	1,2786	0,7306	0,9638	0,7810	0,9700
Giro do Ativo	0,1364	0,1396	0,0901	0,1233	0,0901	0,1159
Margem Líquida	11,9775	9,1328	12,0394	8,8119	12,8641	11,9003
Retorno sobre o ativo	1,7470	0,9701	1,1075	1,0400	1,1587	1,2222
Retorno sobre o PL	18,9591	9,2605	12,9376	10,4150	14,2583	13,4299
Participação de Capital de terceiros	1137,9813	833,9718	1162,8512	996,5541	1167,6752	1051,8670

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

No que diz respeito ao período antes da pandemia da COVID-19, os bancos públicos obtiveram resultados melhores nos índices de margem líquida, ROA e ROE, enquanto os bancos privados tiveram resultados superiores nos índices de liquidez corrente e participação de capital de terceiros. O indicador que demonstra o giro do ativo dos bancos privados obteve resultados superiores, mas com uma diferença pouco significativa em relação aos bancos públicos.

O ano de 2020, marcado como o ano da crise oriunda da pandemia da COVID-19, manteve os dados obtidos no período pré-pandemia, sendo que os bancos públicos também tiveram resultados superiores nos índices de margem líquida, ROA e ROE. Os bancos privados, por sua vez, apresentaram melhores resultados nos indicadores de liquidez corrente, giro do ativo e participação de capital de terceiros.

Os dados obtidos no ano de 2021 evidenciaram que os bancos públicos permaneceram com melhores indicadores de margem líquida e ROE. Enquanto que os bancos privados demonstraram melhores índices de liquidez corrente, giro do ativo, ROA e participação de capital de terceiros.

A partir dos dados apresentados observa-se que houve uma tendência dos bancos públicos a apresentar os melhores índices de margem líquida e ROE nos três períodos analisados. E os bancos privados, por sua vez, evidenciaram uma tendência de obtenção de melhores resultados no que tange aos indicadores de liquidez corrente, giro do ativo e participação de capital de terceiros.

Assim como abordado por Pinto, Santos e Martens (2021), as ações tomadas pelas instituições do setor bancário, tais como mudanças na operacionalização dos negócios e no

relacionamento com os clientes, com destaque à migração de quase totalidade de produtos e serviços do formato físico para digital e avanço dos segmentos e escritórios digitais nas instituições, influenciaram para que o setor não fosse tão afetado durante o período de crise pela pandemia da COVID-19 e pudesse retomar de forma mais breve o desempenho econômico-financeiro de antes do início da pandemia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à importância do sistema bancário como principal prestador de serviços financeiros para a sociedade moderna, o presente estudo buscou avaliar o desempenho econômico-financeiro dos bancos privados e estatais antes, durante e após a crise da COVID-19. De forma específica, buscou-se identificar os efeitos oriundos da crise da COVID-19 na liquidez, no endividamento e na rentabilidade dos bancos, uma vez que as medidas de isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19 refletiram negativamente na esfera econômica e no desempenho das empresas em todo o mundo.

A pesquisa foi definida como descritiva, documental com abordagem quantitativa. A amostra foi composta por 14 instituições financeiras listadas na B3 durante os anos de 2016 a 2021, que engloba o período pré-pandemia, de crise da pandemia pela COVID-19 e pós-crise. Foram analisados os indicadores de liquidez corrente, giro do ativo, margem líquida, ROA, ROE e participação no capital de terceiros de forma segregada por empresa e posteriormente as empresas foram separadas e analisadas por tipo, sendo eles público e privado.

A partir das análises por empresa, observou-se que os indicadores de liquidez corrente, giro do ativo, margem líquida, ROA e ROE, de forma geral, sofreram queda no ano de 2020, já o indicador que demonstra a participação de capital de terceiros no mesmo período teve um aumento em relação ao ano anterior, dessa forma, os dados apresentados durante o período de crise pela pandemia da COVID-19 foram inferiores ao exercício anterior. Na segregação das empresas por setor público e privado, observou-se que os índices de liquidez corrente, margem líquida, ROA e ROE apresentaram queda na média do ano de 2019 para 2020 nos dois tipos de empresas, enquanto a participação de capital de terceiros sofreu aumento no mesmo período. A média do giro do ativo, no setor público e privado, por ter apresentado declínio desde o ano de 2016, não é possível fazer associação da queda com a pandemia pela COVID-19.

A partir das análises realizadas, é possível concluir que desempenho econômico-financeiro dos bancos privados e estatais foi afetado pela pandemia da COVID-19, com a queda dos indicadores no período de crise. Durante o período de crise, os bancos privados apresentaram os indicadores de liquidez corrente, giro do ativo, ROA e participação de capital de terceiros superiores, enquanto que os bancos públicos mantiveram seus indicadores de margem líquida e ROE superiores. Dessa forma, é preciso avaliar qual o perfil do investidor para determinar qual tipo de empresa (pública ou privada) deve ser escolhido diante de crises.

As contribuições do estudo com relação à academia residem na abordagem do ano de 2021 no período amostral, conseguindo obter resultados de como foi o desempenho econômico-financeiro das empresas após a crise da pandemia pela COVID-19.

As limitações para a realização da presente pesquisa estão relacionadas à quantidade de empresas e ao período amostral escolhido para análise. Além disso, o banco de dados não retornou dados do índice de liquidez corrente de 3 empresas nos anos de 2020 e 2021, que poderiam alterar os resultados e conclusões obtidas a partir dos dados coletados. Sugere-se, para pesquisas futuras, a abordagem do ano de 2022, assim como a análise conjunta dos diversos setores da B3 e o uso de modelos econométricos para a identificação de associação entre a pandemia e o desempenho econômico-financeiro das entidades.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. P. U; MENDES, J. S. Análise da Rentabilidade no Setor Bancário Brasileiro. **Revista Linceu On-Line**, v. 8, n. 1, p. 76-91, 2018. Disponível em: <https://liceu.fecap.br/LICEU_ON-LINE/article/view/1785>. Acesso em 14 jun. 2022.

ASSAF, N. A. **Estrutura de análise de balanços**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ASSATO, M. **Análise de demonstrações contábeis de instituições financeiras: setor bancário**. 2021. Disponível em <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61040>>. Acesso em 21 jun. 2022.

BANCO DO BRASIL. A história do Banco do Brasil. Brasília, 2011. Disponível em: <<https://www.bb.com.br/docs/pub/siteEsp/ri/pt/dce/dwn/HistoriaBB2011.pdf>>. Acesso em 30 jul. 2022

BORTOLUZZI, S. C.; LYRIO, M. V. L.; ENSSLIN, L. Avaliação de desempenho econômico-financeiro: uma proposta de integração de indicadores contábeis tradicionais por meio da metodologia multicritério de apoio à decisão construtivista (MCDA-C). *In*: Congresso Brasileiro De Custos, XV, 2008, Curitiba, **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/1323>>. Acesso em 30 jul. 2022

COSTA, L. B.; PEREIRA, I.F.; DE LIMA, J. A. Reflexos da Pandemia da Covid-19 nos Indicadores Econômico-financeiros de Empresas do Setor de Produtos de Higiene e Limpeza Listadas na B3. **Revista Mineira de Contabilidade**, v. 22, n. 2, p. 10-22, 2021. Disponível em: <<https://crcmg.emnuvens.com.br/rmc/article/view/1266>>. Acesso em 30 jul. 2022

COSTA, L. G. T. A.; LIMEIRA, A. F. F.; GONÇALVES, H. M.; CARVALHO, U. T. **Análise econômico-financeira de empresas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CRUZ, F. J.; KICH, M. C.; CUNHA, A. S. Desempenho dos maiores bancos privados listados na BM&FBOVESPA: enfoque em indicadores financeiros entre os anos de 2013 a 2015. **Revista de Economia da UEG**. v. 14, n. 1, jan/jun. 2018. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/economia/article/view/5803>>. Acesso em 21 jun. 2022.

DEMIRGÜÇ-KUNT, A.; PEDRAZA, A.; RUIZ-ORTEGA, C. Banking sector performance during the COVID-19 crisis. **Journal of Banking & Finance**, v.133, 2021. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378426621002570?via%3Dihub>>. Acesso em 21 jun. 2022.

ERNST YOUNG. Performance do setor bancário. 2020. Disponível em: <https://assets.ey.com/content/dam/ey-sites/ey-com/pt_br/article/ey-performance-setor-bancariov2.pdf>. Acesso em 21 jun. 2022.

FRANCO, L. N. **Impactos da pandemia de COVID-19 nos indicadores econômicos e financeiros: uma análise do setor bancário**. 2021. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33399>> Acesso em 30 jul. 2022

GIL A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IUDÍCIBUS, S. de. **Análise de Balanços**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

JENA, P. R.; MAJHI, R.; KALLI, R.; MANAGI, S.; MAJHI, B. Impact of COVID-19 on GDP of major economies: Application of the artificial neural network forecaster. **Economic Analysis and Policy**, v. 69, p. 324–339, 2021. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0313592620304604?via%3Dihub>>. Acesso em 21 jun. 2022.

KRISHNAMURTHY, S. The future of business education: A commentary in the shadow of the Covid-19 pandemic. **Journal of Business Research**, v. 117, p. 1-5, 2020. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148296320303192>>. Acesso em 21 jun. 2022.

KROTH, D. C. A economia brasileira frente a pandemia do Covid-19: entre as prescrições e as propostas do governo. **Texto para discussão-Grupo de Pesquisa Estado, sociedade e políticas públicas**, 2020. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/340634459>>. Acesso em 14 jun. 2022.

LISBOA, J. C. V. A Importância da Análise das Demonstrações Contábeis para Suporte as Decisões Gerenciais das Organizações. **Administração de Empresas em Revista**, v. 13, n. 14, p. 159-170, 2014. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/admrevista/article/view/1031>>. Acesso em 14 jun. 2022

MARINS, V. S., FRANCISCO, J. R. S., PINHEIRO, J. L., CUNHA, G. R. Impacto da Covid/19 na performance do setor bancário brasileiro. *In*: USP INTERNACIONAL CONFERENCE IN ACCOUNTING, XXII, 2022, São Paulo, **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<<https://congressosp.fipecafi.org/anais/22UspInternational/ArtigosDownload/3939.pdf>>. Acesso em 30 jul. 2022

MATARAZZO, D. C. **Análise Financeira de Balanço**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOOS, A. L. S.; SANTI, D. G. Análise de Desempenho Econômico e Financeiro: Um Estudo Comparativo entre os Modelos Tradicionais e o Método Camel aplicado nas Cooperativas de Crédito. *In: USP INTERNACIONAL CONFERENCE IN ACCOUNTING*, XXI., 2021, São Paulo, **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<<https://congressosp.fipecafi.org/anais/21UspInternational/ArtigosDownload/3062.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2022.

MOTA, M. L. C. **A evolução recente da performance dos bancos portugueses: o caso da banca cooperativa**. 2018. 101 P. Dissertação (Mestrado em Economia Monetária Bancária e Financeira) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2018. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/59479>>. Acesso em 14 jun. 2022.

MULLER, E. Moedas e bancos no Rio de Janeiro no Século XIX. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/89561497/Moedas-e-Bancos-No-Rio-de-Janeiro-No-Seculo-Xix>>. Acesso em 30 jul. 2022

OLIVEIRA, A. A. D.; SILVA, A. R. D.; ZUCCARI, S. M. D. P.; RIOS, R. P. A análise das Demonstrações Contábeis e sua importância para evidenciar a situação econômica e financeira das organizações. **Revista Eletrônica: Gestão e Negócios**, v. 1, n.1, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/ricardo_alessandro.pdf>. Acesso em 21 jun. 2022.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **World health statistics 2020: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals**. 2020. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332070/9789240005105-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 21 jun. 2022.

PADOVEZE, C. L. **Análise das demonstrações financeiras**. São Paulo: Cengage Learning Editores, 2008.

PINTO, A. R.; SANTOS, T. A.; MARTENS, C. D. P. Impactos da pandemia de COVID-19 sobre o empreendedorismo digital nas instituições bancárias brasileiras: uma análise à luz das forças isomórficas. **Estudios Gerenciales**, v. 37, n. 158, 2021. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/212/21266955011/html/>>. Acesso em 30 jul. 2022

PINTO, G. S. **Surgimento dos bancos e política monetária no Brasil do Século XIX**. 2012. 67 P. Monografia (Bacharelado em Economia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2012. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1803/1/GSPinto.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2022

SALISU, A. A.; AND AKANNI, L. O. **Constructing a global fear index for the COVID-19 pandemic**. *Emerg. Mark. Financ.* v. 56, p. 2310–2331, 2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1540496X.2020.1785424>>. Acesso em 21 jun. 2022.

SCHARDONG, A. **Cooperativa de crédito**: instrumento de organização econômica da sociedade. Porto Alegre: Editora Rígel, 2002.

SOUSA, L. S. N. de. **Efeitos da COVID-19 nos indicadores econômico-financeiros das empresas do setor aéreo brasileiro com ações na B3**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Contábeis) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17995>>. Acesso em 30 jul. 2022

UNA-SUS. Vacinação contra a covid-19 já teve início em quase todo o país. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/vacinacao-contra-a-covid-19-ja-teve-inicio-em-quase-todo-o-pais>>. Acesso em 15 out. 2022

VIEIRA, J. A. G.; PEREIRA, H. F. S.; PEREIRA, W. N. A. Histórico do sistema financeiro nacional. *Revista Científica da FAEX*, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <https://faex.edu.br/_arquivos/_revistas/322125001348776758_10.pdf>. Acesso em 30 jul. 2022